

Ecoar o possível: do currículo queer a queerização da teoria de currículo

Thiago Ranniery¹
Universidade Federal do Rio Janeiro

Resumo: Este texto performa a montagem de um nome e de uma figura, ecoar o possível, para interrogar a combinação entre teoria queer e (teoria de) currículo, argumentando em torno de um exercício deslocamento do currículo queer para a queerização da teoria de currículo. Para tanto, parto da experiência de orientar pesquisas descritas sob o arranjo currículo, gênero e sexualidade e organizando o artigo em três partes: a primeira explora as encrencas de uma leitura paranoica do currículo; a segunda retoma o possível de Gilles Deleuze e as noções de eco e escuta na teoria curricular. Por fim, o texto situa o queer para além do reconhecimento da diferença.

Palavras-chave: queer; teoria de currículo; eco; escuta; diferença.

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenador do Laboratório de Estudos Queers em Educação da UFRJ. Jovem Cientista Nosso Estado da FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq.

Echoing the possible: from the queer curriculum to the queerization of curriculum theory

Abstract: This text performs the assembly of a name and a figure, *echoing what is the possible*, to interrogate the combination of queer theory and (theory of) curriculum, arguing around a shifting exercise from the queer curriculum to the queerization of curriculum theory. For that, I start from the experience of guiding researches described under the curriculum, gender and sexuality arrangement, organizing it in three parts: the first explores the troubles of a paranoid reading of the curriculum; the second takes up Gilles Deleuze's possible and notions of echo and listening in the curriculum theory; finally, the text places *queer* beyond the recognition of difference.

Keywords: *queer*; curriculum theory; echo; listening; difference.

Eco de lo posible: del curriculum *queer* a la *queerización* de la teoría del curriculum

Resumen: Este texto realiza el ensamblaje de un nombre y una figura, *haciéndose eco de lo posible*, para interrogar la combinación de *teoría queer* y (teoría del) currículo, argumentando en torno a un ejercicio de desplazamiento del currículo *queer* a la *queerización* de la teoría curricular. Para ello, parto de la experiencia de orientar investigaciones descritas bajo el arreglo currículo, género y sexualidad, organizándola en tres partes: la primera explora los sinsabores de una lectura paranoica; la segunda retoma lo posible de Gilles Deleuze y nociones de eco y escucha; finalmente, el texto sitúa lo *queer* más allá del reconocimiento de la diferencia.

Palabras clave: *queer*; teoría del currículo; eco; escucha; diferencia.

*Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto
consiste em introduzir a invenção na existência.*
(FANON, 2008: 189)

Nestas páginas, desejo expor o percurso um tanto claudicante de investigação no campo do currículo² ao reunir brevemente as linhas de uma biografia entrecruzada de pesquisas informadas pelo que aprendemos a chamar de teoria queer³. O que apresentarei não será um trajeto institucional ou uma lista de tópicos e objetos de pesquisa. Volto-me mais para algumas inquietações em torno das quais me debati ao orientar um conjunto de trabalhos muito diversos entre si, os problemas de gênero, por assim dizer, às quais fui lançado e, sobretudo, para aquilo para o qual fui sensualmente atraído. Decidi trazer à tona este percurso porque considero que compartilhamos pouco a feitura do trabalho de orientação e as inquietações emergentes diante dos pressupostos que são formados por nós⁴ quando lemos a combinação currículo e teoria queer. Com alguma licença, vou seguir lançando mão de uma escrita intuitiva e tateante, exageradamente fragmentada, centrada em interesses ainda nebulosos e nem sempre muito inteligíveis. Este texto está mais para um amontado de notas sob o título ecoar o possível, um nome e uma figura para colocar em cena como nós nos percebemos realizando um exercício de nos deslocar do currículo queer, tal como Louro (2004) explorou, para a queerização da teoria de currículo⁵.

Da epígrafe

Começo pela epígrafe, uma das últimas frases com a qual Fanon (2008) encerra *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Como, então, introduzir invenção na existência em um estado de guerra permanente, para fazer uso da expressão de Mik-dashi e Puar (2016)? Como realizar esta tarefa sem desconsiderar a indução forçada à morte social e física? Ou melhor, como fazê-la atenta ao alerta de Hartman (2020: 31), segundo o qual a nossa “própria narrativa não opera fora da economia de afirmações que ela submete à crítica”. De que modo seria articulável uma teorização em currículo que realizasse “uma encenação da impossibilidade de representar” (HARTMAN, 2020: 38)? Essas interrogações derivam de outra formulação de Fanon (2008: 126). Ao comentar o conselho que um amigo recebeu de um combatente amputado de guerra, ele diz:

² Este texto foi desenvolvido no âmbito de um projeto de pesquisa financiado pela FAPERJ e pelo CNPq.

³ Extrapolaria os propósitos deste texto, apresentar os deslocamentos da teoria queer no Brasil. Sugiro conferir Pelúcio (2020), Bento (2017) e Pereira (2012). Para uma análise da apropriação no campo do currículo brasileiro, ver Rannieri (2017a).

⁴ Oscilarei proposadamente entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, esperando que este jogo possa tornar presente os estudantes não somente com os quais tenho compartilhado tais questões, mas também a partir dos quais tais questões têm emergido.

⁵ Por questões estilísticas para evitar repetição de palavras, usarei de forma indiscriminada entre teoria de currículo, teorização curricular e pensamento curricular.

Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. [...] Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar.

Esta questão se impôs a nós, ao seu modo, quando se tratava de pensar a relação entre currículo, gênero e sexualidade em diferentes contextos de pesquisa e formação. Era como se fôssemos estrangulados pela experiência de estarmos cavalgando diante de um abismo. Ora, lançados em direção ao nada, ora empurrados em direção ao infinito, levando-nos a reavaliar posturas teóricas com as quais nos implicávamos e o vazio que atiravam sobre nós. De um lado, reconhecíamos – sem deixar de nos debater com – as contribuições da crítica da normalização, como certa vez Miskolci (2011) definiu o trabalho analítico da teoria queer. De outro, nós nos deparávamos com uma adesão, por vezes, celebratória a uma espécie de potência alternativa sem fim de experiências de transgressão, subversão ou insurgência de gênero e sexualidade – quase como uma contrabalança inconsciente⁶ –, tratadas desde sempre como progressistas e, para onde quer que se olhasse, enfrentando a normatividade, invariavelmente em oposição a ela. Esta adesão não somente parece depender de certo voluntarismo subjetivo quando também performa uma oposição constitutiva – a normatividade e “seus outros”.

Nem era preciso ir muito longe. Em sua formulação sobre o pensamento heterossexual, ainda nas portas da década de 1980, Wittig (2022: 63) notava para como “a sociedade hétero é baseada na necessidade do diferente/outro em todos os níveis. [...] Essa necessidade do diferente/outro é ontológica”. Diante da centralidade, em especial, do primeiro volume da História da Sexualidade de Foucault (2011) para a constituição dos estudos de gênero e sexualidade e a crítica à hipótese repressiva, vem sendo desconcertante perceber como se tem aceitado o valor da normatividade enquanto repressão invariavelmente promovida pelos currículos e o benefício do ato de fala face a face nas escolas como passagem direta para a liberdade sexual e de gênero.

Em vários momentos, Foucault pode ter seguido mostrando como a figura múltipla dos anormais – a diferença enclausurada por esse desejo pelos “outros” – foi a condição do aparecimento do sujeito ocidental moderno, mas é como se houvesse alguma cumplicidade do legado vernacular de gênero e sexualidade que se proliferou no pensamento curricular com o que Puar (2007) nomeou de excepcionalismo sexual de corpos não-normativos articulado, vai não vai, por meio uma retórica de modernização. Como Barker (2011) e Morgensen (2011) apontaram, a teoria queer tende a dar fiança a uma razão colonial subjetiva com sua invocação permanente de futuridade e sua narrativa de progresso. Mesmo o difundido conceito de abjeção de Julia Kristeva (1982), ao menos para nós, recolocava o currículo diante da primeira formulação: esses “outros” estão inseridos em contextos substancialmente normativos, estão englobados em um cenário que encapsula os poderes do horror na abjeção, os explica, quando não, os toma como sujeitos do espetáculo.

Não é exagerado afirmar que, ao menos em um primeiro momento, o interesse da teoria de currículo pela crítica queer apontava mais, neste sentido, para

⁶ Ainda que seja necessário mais espaço do que disponho por hora, não seria sem razão recorrer a produtividade do vocabulário psicanalítico para os estudos de gênero e sexualidade como apontam Gayle Rubin e Judith Butler (2003) em entrevista conjunta. Se o faço, aqui, é por considerar os mecanismos subjetivos paranoicos e as correlatas fantasias de ameaça externa – o exterior constitutivo (Butler, 2019) – que constituem a própria teorização sobre currículo e diferença.

um interesse pelo funcionamento da normatividade de gênero ou das relações de poder do dispositivo da sexualidade do que pela teorização curricular. Efeito duplo nos empurrando para um estrangulamento promovido por aquilo que Sedgwick (2007) nomeou de hermenêutica paranoica, um modo de leitura que produz epistemologias miméticas daquilo que supõe criticar. Parte da paranoia envolve, como argumento, declinar de uma leitura teórica mais alargada de currículo que não somente não aceita tacitamente a estabilidade ou a homogeneização normativa como sua pedra filosofal, mas que também não corrobora para converter currículo em outro nome para normatividade, poder, hegemonia ou território de disputa pela representação e de denúncia pela ausência dela. Esta conversão, embora possa soar atrativa do ponto de vista reformista da política⁷, passa por cima da “sempre incompleta compreensão de qualquer experiência educacional incrivelmente bagunçada, imprevisível, imensurável, impossível de conter, parcialmente incoerente, e impossível de ser inteiramente conhecida” (MILLER, 2014: 2061).

A acelerada equiparação entre currículo e normatividade ou a substituição de um pelo outra alimenta uma ossificação imaginativa do que currículo poderia ser e do tipo de trabalho que a crítica *queer* poderia realizar para bagunçar, se assim o deseja, a teorização curricular. Como corolário, a diferença é tomada em termos de “outros” dentro de um regime de alterização, em uma espécie de recalcitrância que, de ponta a ponta, é exposta como parte da gramática colonial moderno. Esses “outros” não passariam de diferenças reconhecíveis e separáveis do lado de fora; criaturas que, se não resultantes do olhar objetivante das normas – ou foram criados por elas ou sucumbiram a elas –, estão as enfrentando sem descanso, duplicando-se, em alguma medida na teoria a assimetria política ou replicando o engolfamento ontológico do qual Ferreira da Silva (2007) fala, isto é, realizando uma interdição dos mundos que poderiam vir à tona. Warren (2017) chega a nomear de ontocídio este mecanismo de apagamento das fraturas ontológicas, mas que é a condição necessária para articular uma concepção monolítica do objeto que se estuda e que converte a normatividade em princípio ontológico. Em resumo, o texto dos “outros” – quer pelo sofrimento sob às normas, quer pelo enfrentamento diante delas – com o qual inscrevemos a escolarização falha na medida em que sua postura em direção à liberdade e ao progresso depende de aparatos de justiça e ética humanistas, nos quais a diferença pesa sempre inelegível.

Quando se estuda currículo e o que quer que venhamos a chamar de *queer* seria preciso não se deixar impressionar pelas evidências primeiras da presença da normatividade sob a pena de levar tal supressão ontológica à cabo, mas, quem sabe, apreendê-la partir das condições em que está inserida e a que determina como tal⁸. É porque nos falta um léxico conceitual-imaginativo fora da hermenêutica paranoica que permita articular currículo e diferença sem cair, por sua vez, na armadilha dupla de querer encontrar objetos *queers* saltando diante das normas e de ceder à expropriação extrativista da diferença⁹, que proponho um procedimento de escrita da teoria como querização do pensamento curricular. Ao comentar a origem etimológica da palavra inglesa *queer*, Sedgwick (1993: 12) lembra sua associação como “um contínuo momento, um movimento, um recorrente motivo, turbilhão”. No mesmo ensaio sobre a paranoica, Sedgwick (2003:

⁷No conhecido final de *Bodies that matter*, Butler (2019: 378) notou que o termo *queer* tinha a força de atrair “uma geração mais jovem que quer resistir às políticas mais institucionalizadas e reformistas”. A desestabilização da ação política que está no coração da torção *queer* é explorada por Gamson (1995).

⁸Em Rannery (2017b) busquei oferecer uma conceituação topológica e performativa de normatividade a fim de problematizar o currículo como uma paisagem homogênea de poder.

⁹Alerta apontado de diferentes formas por Leal (2021), Mombaça (2015) e Perra (2014).

150-1) encerra ainda apelando para uma leitura reparadora voltada para captar “as muitas maneiras pelas quais os indivíduos e as comunidades obtêm sucesso em extrair sustento dos objetos de uma cultura - mesmo de uma cultura cujo desejo declarado muitas vezes tem sido não os sustentar”. Logo, como evitar converter a teoria de currículo em prova cabal da vitória normativa e não lhe tirar o turbilhão?

Essa interrogação depende de um engajamento existencial – e não há motivos para negar – com produzir um deslocamento no pensamento curricular desde – e não para – nossas marcas de gênero e sexualidade. Ao introduzir essas marcas, não estou afirmando que explicam a minha posição ou de quem quer que seja. Ao contrário, as marcas não definem nem nós, nem a situação de um trabalho de pesquisa. Não são uma questão de substância, mas, como argumentei em outro momento, de transfiguração (RANNIERY, 2021). Quando Haraway (2009) escreveu sobre saberes situados lançava mão de um recurso que evitasse apelar para a transcendência e para a reconhecida divisão entre sujeito e objeto. Saberes situados é uma ação, o ato performativo de recolocar a produção do saber, no qual “parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional” (HARAWAY, 2009: 30). Estou, portanto, defendendo um interesse em saber o que esses declarados “outros” – talvez, porque tenhamos crescido sendo esses “outros” – fazem ao conceito de currículo ao colocarem “a alteridade como existindo em um campo relacional para o self” (MUÑOZ, 2006: 187), o que fazem as imagens de pensamento de currículo que carregamos conosco e a conceitos que nos são tão caros, do que em saber como as normas os fazem ou o que as normas fazem com eles e conosco.

Ao recusar tomar o currículo como cenário da manifestação universal de uma estrutura normativa externa com valor meramente particularizador de uma dinâmica geral de sujeição, podemos nos servir da crítica queer para situar o exercício de teorização de currículo, que implícita ou explicitamente realizamos. Isto envolve perturbar a teoria para que se livre de imagens conceituais legadas, quer pela sociologia do conhecimento escolar, quer mesmo pela virada cultural. Esta recusa não é uma negação da herança que constitui o campo do currículo no Brasil¹⁰, mas, ao contrário, tem uma sua dívida com o que Foucault (2003: 253) chamou de hiperativismo pessimista. Recusa que, sob o risco de ser repetitivo, nada tem a ver com a busca por recônditos românticos isolados das normas, tampouco com o romantismo da adesão celebratória à resistência face aos processos de sujeição. Na provocação de Bourcier (2022: 190), os estudos queers “não têm por função descrever um novo capítulo da história geral ou contar a história das sexualidades desviantes”. O perigo é ceder espaço para a redenção que não passaria de mais um modo – uma volta na rosca do parafuso - de restauração do regime paranoico que impede, bloqueia e interdita a participação da força onto-epistemológica de “um trans-bordamento monstruoso” (LEAL, 2021: 57) como estando no coração de qualquer currículo.

Não seria despropositado usar ao meu favor uma ponderação de Butler (2021) sobre o discurso de ódio: longe de minimizar os efeitos da normatividade, trata-se de deixar em aberto a possibilidade de seu fracasso. Esta é a condição

¹⁰ É mais preciso descrever este trabalho inspirado em Chakrabarty (2000) em termos de provincialização desta herança conceitual da teoria curricular, isto é, voltado para situar as marcas contingentes de sua arrogada universalidade, questionando a reificação de categorias de pensamento como sendo os descritores do campo do currículo. Meu ponto é que a crítica queer não entraria simplesmente em um enquadramento teórico estável, tomando por dadas determinadas imagens conceituais de currículo, nem apelaria a um nativismo de histórias voluntaristas e descritivas de sujeitos minoritários nas escolas. Antes, poderia envolver torcê-las, como quem as remete de volta ao endereço, as perturba a partir de uma aliança entre histórias obliteradas por aquilo que não importa para essas imagens.

para elaborar uma resposta à normatividade, posto que a exclusão do fracasso só faria da teoria uma um caminho mais curto para a confirmar os efeitos das normas. Quem duvida disso é levado a aceitar um construtivismo de via única – Latour (2021) chamaria de construtivismo do pobre – que, sob pena de implodir-se, é forçado a desembocar em uma armadilha metodológica. O currículo até um determinado momento, o momento em que uma pesquisa qualquer se faz, estaria construindo mal a mal a vida dos “outros”, mas, agora, com a metodologia de pesquisa – e a mágica evocação da transparência – faz-se a luz e se pode ver seu funcionamento tal como ele é. A conhecida lição de que a linguagem é performativa é obliterada pelas fantasias de um empirismo positivista que continua a penetrar na pesquisa em currículo, largamente devedora da lógica segunda a qual a pesquisa documenta, representa ou acessa uma realidade. Todo discurso é performativo, exceto, claro, o discurso teórico-metodológico que seria esvaziado da “questão da ruptura e da falha mecânica e da imprevisibilidade do discurso” (BUTLER, 2021: 40).

Frente a esta escalada, nunca se sabe muito bem se estamos enfrentando um desespero cognitivo diante na inacessibilidade da real ou a conhecida sanha iluminista que encarna a razão universal e chega para dispersar as trevas. Seja de que forma for, como Butler (2021: 41) continua, esses modos meta-explicativos das normas são “contraproducentes para pensarmos formas de agência e resistência que não sejam centradas no Estado”. De pronto, o apelo metodológico à transparência desliza para ser mais um braço do duplo vínculo em torno do qual a forclusão ontológica não somente não presta atenção a ontologia e a epistemologia conjuntamente, quanto, atraído pelo pensamento de Estado, toma a diferença habitando fora da memória, da cultura e da ética públicas, da experiência de qualquer currículo. E já que evoquei Bateson, só se sai de todo *double bind* ou fingindo-se ignorá-lo ou inserindo uma perturbação (BATESON *et al.*, 1956). Opto pelo segundo caminho, retomando um ensaio sobre o *queer*, publicado no jornal *Le Monde Diplomatique*, pouco circulado, no qual Borges e Bensusan (2008) voltam-se para “tentar mobilizar o poder revolucionário do barulho que muitas vezes é tratado como inaudível”.

Parece-me pouco ruidoso a atitude de tomar que todo currículo não serve para outra coisa senão apresentar os “outros” das normas de gênero e sexualidade e estes como servindo para iluminá-las. Isso procede da convicção de que o currículo, inevitavelmente conversador, não passaria de um campo perverso – não custa lembrar a lição de Bernstein (1996) sobre o pulso moral do discurso pedagógico – no qual “os outros” são sempre uma função derivada de interesses sórdidos do pensamento heterossexual dominante¹¹. Que queer pode ser reconhecido através dos currículos? Que queeridade emerge dos currículos? E se queer não for, ou não somente for, sinônimo de corpo estranho, como evocado por Louro (2004) e depender da deriva que Louro (2010) evocou em outro texto, da quebra, de um rumor delicado, de um barulho ou de som ao redor? E se nem mesmo se deixar se circunscrever neste estranho abjeto e evocar mais uma desorientação, um barulho ou uma perturbação, um delicado ou ténue, mas murmurante movimento? Diferentes circuitos e paisagens curriculares não teriam exatamente esse potencial de empurrar as conversas complicadas, lembra Pinar (2016), da teoria de currículo com a teoria queer em direções surpreendentes por que perturbam a imagem tida como certa de currículo? Não seria preciso meter a

¹¹ Para uma etnografia de como conceitos queer, a exemplo, de heteronormatividade passaram a ser usados, não sem tensões, na arena dos movimentos políticos, conferir Colling (2014).

colher na imaginação teórica e queerizar – por falta de palavra mais adequada – modalidades de pensamento, análise e teorização curricular?

Escrever em termos de teoria pode soar uma liberdade excessiva, dado a crítica que Saez (2004) faz ao quão o uso do termo pode ser inapropriado, se teoria for tomada no sentido forte de um conjunto sistematizado de ideias para explicar um objeto. Desejo, contudo, mantê-lo, seduzido que estou pela sugestão de Despret (2017: 9) de que,

toda teoria é [...] uma matriz narrativa: uma matriz no sentido em que ela gera histórias, e também no sentido de continente à espera de conteúdo. [...] E essa matriz de histórias importa, pois ela vai afetar não somente aquilo que se conta, mas também aquilo que se observa.

Teoria de currículo importa porque importa como observamos o currículo e os aparatos semióticos e materiais que usamos para tanto. E queer importa como um movimento de torção transversal, uma plataforma de imaginação para turbilhonar a teorização curricular porque importa a geração de histórias cacofônicas e perturbadas, delicadamente barulhentas e bagunçadas, que afetam aquilo que conceituamos por currículo. Uma torção que deve menos ao espetáculo da abjeção, mas é um mergulho na performance de uma erotoescrita¹² de histórias contadas por lábios (LUCIANO, 2011), íntimas (RANNIERY, 2019) ou espectrais (FRECERRO, 2006) a fim de realizar uma retomada do “lirismo desenfreado” (LEAL, 2021: 16) que transborda as fronteiras espaço-temporais do currículo e realiza uma retomada da invenção na existência¹³. De onde se concluiu que teoria de currículo não é uma matriz poética, apesar da conhecida convocação de Tomaz de Tadeu da Silva (2006)?

Do título

“Um pouco de possível, senão eu sufoco...”. Esta é uma frase, daquelas célebres atribuída a Deleuze. Trata-se de uma declaração mencionada por Deleuze (1992: 131) a propósito de uma homenagem a Michel Foucault e teria sido, na verdade, um desabafo de Foucault quando percebeu a ironia de seu rumo filosófico voltado para aquilo que mais detestava: o poder. Sufocado pela intensidade com que se voltara para esse tema, Foucault, ou, pelo menos o retrato de Foucault realizado por Deleuze (1992), buscou oxigenação intelectual ao se perguntar se, afinal, não haveria nada para além das relações de poder. Neste retrato, Foucault teria encontrado uma resposta no sujeito em ação nas instâncias de poder, “a busca prática de um outro modo de vida”¹⁴, nas palavras Deleuze (1992: 132). Como a teoria de currículo cultiva esta busca prática em momentos tão avassaladores e destrutivos como o que estamos vivemos? O que significa pedir um pouco possível à teoria de currículo para não sufocarmos? Ao comentar como o possível

¹² Ao escrever em termos de erotoescrita, remeto à formulação de Freeman (2010) sobre erotohistoriografia um modo de ver a escrita da teoria como corporal e envolvida com sensações que já não se dedica a escrever sobre o objeto perdido no presente, mas sim o encontra já no presente. Essa forma desacreditada de conhecimento é o que permite rastrear a vida diante e após a morte.

¹³ Há uma tripla referência na escolha das palavras. Estou invocando o conceito de retomada usado pelos tupinambás para descrever o fenômeno de retorno e demarcação de terras no sentido de ter de volta o que foi expropriado, tal como formulado por Babau (2019). Também estou me referindo ao, hoje, clássico ensaio de Macedo (2006) sobre currículo como fronteira de espaço-tempo cultural. Além disso, o uso do verbo reativar deve a tradução brasileira proposta por Jamile Pinheiro Dias para o uso verbo reclaiming usado por Stengers (2017: 15) para falar “em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar”.

¹⁴ Em comentário sobre a política queer em Foucault, Halperin (1995: 86) já comentava que “queeridade constitui não apenas uma resistência às normas sociais ou uma negação de valores estabelecidos, mas uma construção positiva e criativa de diferentes modos de vida”.

recuperou seu estatuto autêntico com Deleuze, Zourabichvili (2000: 356) conclui que estamos diante de uma “figura positiva e virtual do ainda não, ao invés da projeção irreal, no futuro, do já presente”.

Desejo ler essa formulação, sobrepondo-a ao trabalho de Muñoz (2019), pois é em torno do ainda-não que o autor defende a imaginação política *queer*. Muñoz (2019: 96) escreve: “o aqui e agora simplesmente não é suficiente. Queeridade deveria e poderia ser sobre um desejo de outra forma de ser no mundo e no tempo, um desejo que resiste as ordens para aceitar o que não é suficiente”. Neste contexto, faço uso do verbo *ecoar*, entrelaçando o fenômeno da ecolocalização a uma formulação de Luc-Nancy (2013) sobre a escuta. A orientação por ecos define uma habilidade complexa compartilhada por morcegos, baleias, golfinhos e alguns pássaros (GRIFFIN, BUSNEL e FISCHER, 1980). Morcegos, por exemplo, emitem sons ultrassônicos com focinhos ou bocas que voltam na forma de eco com frequência menor. A presença de objetos e outros seres é percebida pela audição, pela capacidade de escutar as vibrações que retornam, principalmente quando não se pode ver, algo que Griffin (1958) sintetizou na bela expressão *ouvindo no escuro*. Por sua vez, Luc-Nancy (2013) critica o caráter centrado na visão da filosofia ocidental e como obscurece a presença sonora “essencialmente móvel, vibrante de ir-e-vir entre a fonte e a orelha, através do espaço aberto” (NANCY, 2013: 169). Segundo Luc-Nancy (2013: 172), esta filosofia poderia ser resumida em “retornar ou [...] se abrir à ressonância do ser ou ao ser como ressonância”. Se a ressonância, está na base de toda lógica do sentido, o corpo ouvinte se coloca como “a expansão súbita de uma câmara de eco” (LUC-NANCY, 2013: 170).

O que quer que venhamos a chamar de *queerização* da teoria de currículo poderia implicar um ato de escrita da teoria como reverberação de um ainda-não, como caixa de ressonância dos sons monstruosos de qualquer currículo, ecoando um excesso poético aberrante que o transborda e que não se pode ver, um excesso que chega a nós através da “amplitude do desdobramento sonoro e [d]a minúcia de seu simultâneo redobramento” (LUC-NANCY, 2013: 172). O eco, afirma ainda Librandi (2020: 212), “apresenta uma repetição diferencial de uma não identidade auditiva, ressoante e responsiva, um sujeito-diapasão”. Este *ecoar o possível* demanda repensar, por extensão, a textura da escrita da teoria de currículo. O que se coloca é uma capacidade da teorização se escrever a partir daquilo que recebe frente o diapasão, pois “aquele que fala é sempre um Outro que ressoa” (LIBRANDI, 2020: 212). *Ecoar o possível* é um apelo a uma ética da escrita da ressonância, de busca pelo que há *queer* por vir no mundo, os mundos *queers* ou momentos *queers* antes ou depois, além ou aquém de qualquer engolfamento promovido pela normatividade, de um ainda-não.

Eis porque a leitura reparadora está longe de ser um apelo idílico, uma vez que qualquer currículo não somente está desde já tomado pelos ruídos da diferença, mas porque só se pode percebê-los desde uma distorção constituinte da própria teorização, desde a imersão na escuridão de um turbilhão sonoro. Que a diferença não possa ser acessada como tal só adiciona mais textura a forma como a teorização recoloca-se como eco. Nunca temos a diferença, nunca propriamente a habitamos. “Colocamos [a diferença] depois. Um eco só pode chegar aos nossos ouvidos depois que o som fez o meio vibrar” (MORTON, 2007: 76). Muñoz (2020: 130) continua: “certos objetos, sejam eles atuantes humanos, não-humanos ou inorgânicos, inclusive objetos considerados imateriais, como os sons, por exem-

plo, sejam musicais ou tons distintos, participam” do circuito de relações de pertencimento”. Ao comentar a obra *Testo Junkie* de Preciado (2018)¹⁵, Muñoz (2020: 129) aproxima ainda o queer de “um modo de transformação, mas não exatamente um convite para a transformação. É um chamado para nos sintonizar com a nossa transformação”. Para além do gênero ou da sexualidade como categorias analíticas ou quicá como objetos de ensino dos currículos, evoco o queer, aqui, como um modo de sintonizar a teorização de currículo com essa transformação, como quem performa no corpo da escrita da teoria um exercício de ressonância para as frequências de um campo de ecos com seus efeitos performativos.

Meu esforço é para abrir uma teorização em currículo que se imagine desde essa orientação ecoante, que possa resistir à atração de situar a *teoria queer* como modelo para reconhecimento de identidades de gênero e sexualidade – quaisquer que sejam – nos currículos, mesmo que para criticá-las, e lance mão de uma disposição para transmitir “uma sensação de processos continuando sem um sujeito ou um autor” (MORTON, 2007: 41) como percorrendo os currículos. *Ecoar o possível* pode traduzir-se em maneiras produtivas de considerar a escuta da diferença e não necessariamente a localizar quem é declarado diferente pelos currículos. Quem sabe, podemos performar uma resposta especulativa, mais teórico-experimental, às maneiras através das quais a diferença, não importa qual seja seu registro, é sempre parcialmente ilegível em relação à normatividade; está mais próxima de um ruído, um rumor, um traço, um vestígio, que percorre e se perdura no ar e que nos caberia amplificar, ressoar e transmitir.

Talvez, pudéssemos considerar, agora, os múltiplos modos pelos quais *queerizar* a teorização curricular é um sítio de potencialidade imaginativa para o currículo e não somente uma ruptura da normatividade. Este é um apelo no qual a teorização negocia com a realidade, calibrando a atenção para modos pelos quais cadeias de diferenças incomensuráveis ao reconhecimento se beneficiam de esfumar posições paranoicas em um esforço para deixá-las perturbando o conceito de currículo desde dentro. Trata-se de algo próximo ao que Foucault (2015: 15) descreveu como um “intuito de ampliar as lutas, por uma espécie de mudança de fundo, de mudança de eixo em relação às lutas” – uma mudança de tom ou frequência da escrita da teoria quando responde intimamente ao som ruidoso do mundo para que “a multiplicidade de coisas possíveis, de encontros possíveis, de amontoamentos possíveis, de conexões possíveis [faça] com que, com efeito, não se possa mais ser idêntico a si mesmo” (FOUCAULT, 2015: 22). Meu argumento pode ser lido, enfim, como um exercício de encenar na teoria de currículo uma análise reparativa que descreve e amplia essa matéria insondável da diferença.

Coloco-me em termos tão incertos porque me vi diante de uma provocação ao título que estabeleci – e, enquanto provocação, é mais uma autocrítica. É provável que *ecoar possível* tenho repetido em excesso a conjugação currículo e vida; aquela que leva Pinar (2016: 22) a afirmar que “a relacionalidade da vida, e essa realização caracteriza a relacionalidade do currículo”. Pinar (2016: 22) insinua minha inquietação: “o fato de a conversa ser, então, complicada não é somente um problema pedagógico, mas uma oportunidade educacional para entender a diferença dentro da semelhança e não apenas em nossas espécies, mas a vida na Terra”. Se *ecoar o possível* evoca a “vida”, precisaria evitar a tendência de tomar

¹⁵ A simetria realizada por Preciado (2018: 414) é significativa para minha sugestão: “Mas aspiro, sim, a convencê-los de que, na realidade, vocês são como eu. Tentados pela mesma deriva química. Vocês a levam dentro: vocês se acreditam mulheres cis, mas tomam pílula; vocês se acreditam homem cis, mas tomam Viagra; são normais, mas tomam Prozac ou Paxil na expectativa de algo que os livre de seus problemas de decréscimo de vitalidade; vocês usam cortisona, cocaína, álcool, Ritalina e codeína... Vocês, você também, vocês são o monstro que a testosterona desperta em mim”.

a vida em termos semelhança com a figura do *antropos* que nasce, cresce, reproduz e morre. Esta tendência clama pela temporalidade reprodutiva e linear da heterossexualidade como regime político (EDELMAN, 2003). Como indicou Colebrook (2014), a institucionalização e valorização nos estudos *queers* pode restaurar em vez de desestabilizar o sentimento humanista ao privilegiar a atuação sobre a inércia, a criatividade sobre a morte e a pura existência sobre a indeterminação. *Ecoar possível* visa contribuir para a “conversa constante” (PINAR, 2016: 22) que é a relacionalidade do currículo, baseada em uma semiótica mais explícita performance da performatividade constitutiva do mundo desde uma área povoada pelas relações aberrantes entre humanos, mais-que-humanos e a Terra. Nos termos de Bourcier (2020: 191), de fato “existe uma queer matriz, uma maneira queer [...] de resistir, que empresta performance e performatividade à sua dimensão política”. Trata-se de ecoá-la.

Do argumento

Nesta sessão final, desejo concluir recorrendo ao conto *Filhos de Sangue* de Octavia Butler (2020) e a história dos terráqueos que vivem em uma espécie de reserva fora do sistema solar protegidos pelos alienígenas Tlic. Gan, o protagonista, é um menino que vive junto à mãe, irmão e irmã “protegidos” por T’Gatoi, uma espécie de centopeia alienígena. A rotina da família é diariamente se aninhar no corpo de T’Gatoi e comer ovos que ela lhes oferece na mesa com algum tipo de propriedade alucinógena. Certo dia, Lomas, um homem muito machucado, é abandonado na porta da família. Ao cuidar desse estranho, Gan presencia o parto doloroso das larvas Tlic retiradas sangrentamente por T’Goi do corpo de Lomas. Homens terráqueos realizaram um acordo para habitar naquele mundo no qual os humanos são os hóspedes fugindo de uma guerra em curso e emprestam suas carnes para a gestação dos filhotes alienígenas. Gan, que aceitava, até então, de bom grado sua tarefa de gestar os filhos de T’Gatoi, titubeia sobre realizá-la. Este não é, contudo, somente um conto sobre como o nosso corpo serve para reprodução de seres alienígenas. É uma história, como a própria Butler (2020), insiste de amor, de como diz Haraway (2016), fazer parentes para a coabitação. Gan e T’Goi amam-se e ele entrega seu corpo para inoculação dos ovos dela.

A conexão entre ecologia, sexualidade, parentesco, amor, desejo e prazer é tão bonita quanto dolorosa. Ao tecer uma costura com o conto, é a sinonímia entre currículo e a grande domesticação modernizadora que espero ter colocado em questão. O desafio é não deixar esses laços de amor aberrante para atrás, pois é o que “permite ver e achar beleza numa paisagem devastada” (MORTIMER-SANDILANDS, 2011: 193). E, se o currículo implicar uma gestação em nossas carnes de ligações monstruosas entre diferentes coligações e com seres estranhos? Que se volte a citação de Fanon (2008): há algo de visceral em jogo, que nos lança em um emaranhado de matéria e linguagem “imbuído da potencialidade de uma reconstituição afetiva radical” (KHANNA, 2020: 2) por meio da qual podemos abrir o trabalho de reimaginação da habitação corporal de qualquer currículo. Não sem razão, comecei este texto sugerindo que fomos lançados num movimento deslocamento, pois tem se trata de constituir a conversa entre teoria *queer* e teoria de currículo como uma fuga dos modos de pensá-lo que são justificadamente tomados como insustentáveis diante da magnitude do colapso ecológico que atravessamos. Esse movimento de fuga – a fuga de Omelas para lembrar, agora, um conto Le Guin (2011) – assume a constatação que a catástrofe ambiental e a violência colonial são dois lados de uma mesma moeda.

São, esses dois lados, condições de possibilidade deste estado que vivemos e eles têm como condição genealógica a mitologia branca, para fazer um uso um tanto livre da proposição de Derrida (2001). Não seria nem um pouco surpreendente que essa mitologia demonstrasse avidez pela “vida” das escolas e dos currículos, nas quais professores e estudantes contam uma história diferente das possibilidades de existir para além ou aquém do controle ou das normas. Seria preciso reconhecer, contudo, que os estudos curriculares resistem a se abrirem para fora da tradição antropocêntrica –; tradição esta que relega a “natureza” o papel de segundo plano passivo quando é a intrusão das criaturas da Terra – a expressão é de De La Cadena (2015) – na política que ganha relevo. Para voltar a Deleuze, desta vez, em parceria com Guattari, no qual os dois escrevem: “O sujeito e o objeto oferecem uma má aproximação do pensamento. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE e GUATTARI, 2010: 110). É com mais esse intercessor que insisto, por fim, em convocar a teoria *queer* para experimentar pensar e nos virar com o risco de escutar as vozes aninhadas da Terra – de seres e coisas mais-que-humanos e extra-humanos, vivos e não-vivos, orgânicos e inorgânicos – que jamais deixaram de estar enovelados em nós ou, agora em uma escala colapsada, em torno e dentro de nós, mas aos quais nunca soubemos dar mais que um lugar periférico ou lateral.

Queer trata menos de um analítica da normatividade levada à cabo pelos currículos do que uma rica plataforma de fabulação de imagens e discursos, conceitos e sínteses heterogêneas e que, não raras vezes, nossa ocupação com a “vida” tende a ignorar solenemente. Essa ocupação com a “vida” nem sempre se pergunta sobre o emaranhado com seres e criaturas da Terra, de como a “nossa” vida depende e está entrelaçada a vida orgânica e inorgânica da matéria do mundo (BARAD, 2020). A vida não está à parte da natureza nem mesmo pode ser o signo ou o nome para a excepcionalidade do humano. Quando uma preocupação com a vida se encena alijada de uma escuta sensível, reencenando regimes de pensamento que auspiciosamente precipitam o *antropos*, termina por reiterar categorias constitucionais da mitologia branca, enquadrando e mutilando o mundo para que caiba dentro de sua gramática.

Encerro, assim, colocando meu argumento diante tarefa ético-política das ecologias *queers* e como nos colocam nas tramas curriculares antes da partilha natureza e cultura – ali, nas pontes *naturezacultura* (HARAWAY, 2008) –, nas quais uma diferença irreduzível não demanda uma representação parlamentar ou disciplinar, mas um acordo estranho e incomum. Não estou, de súbito, insistindo nesta questão ecológica por motivo, vontade ou estilo, mas, por considerar, a amplitude, a gravidade e complexidade da questão na qual estamos situados, de forma que possamos sintonizar, como pediram, certa vez, Eng, Halberstam e Muñoz (2005), “a crítica *queer* em relação a número de emergências histórias, para tomar de empréstimo de Walter Benjamin, com consequências tanto nacionais quanto globais”. Este atravessamento exige de nós criar um outro léxico para fazer da do currículo esse trabalho de responder e viver um mundo em colapso, uma arte de cuidar e cultivar alianças com vozes aberrantes da Terra, realizar trocas conflituosas e agonísticas e articulações perigosas e arriscadas na diferença e pela diferença. Cuidado, afirma Stengers (2015: 75):

no sentido em que ele não diz respeito aqui ao que se define a priori como digno de cuidado, mas em que ele obriga a imaginar, sondar, atentar para consequências que estabeleçam conexões entre o que estamos acostumados a considerar separadamente.

Em suma, ter cuidado no sentido em que o cuidado exige que se saiba resistir à tentação de julgar.

Fela fricção de convergências de histórias (humana, natural e geológica), sugere Chakrabarty (2015), podemos lutar com nosso pensamento inevitavelmente antropocêntrico a fim de suplementá-lo com formas de disposição para com as criaturas da Terra que faça surgir uma forma relacional ainda não reconhecida. As capacidades especulativas da crítica *queer* nos permite apelar para essa possibilidade. Ao produzir as condições para o surgimento de situações contingentes e acrescentando elementos de fricção entre espécies, quem sabe, com elas, a teorização de currículo possa ser um modo de criar uma intensificação dessa interdependência relacional e, conseqüentemente, nos livrar de nossos princípios reflexão, abandonando sonhos de emancipação e de liberdade ilimitada nutridos pelas utopias modernistas. Quando o humano é uma coisa entre tantas outras (indeterminadas), podemos melhor nos perder nesta Terra instável e, assim, ecoar o possível para não sufocar.

o tipo de pensamento que estamos, finalmente, começando a ter sobre como mudar os objetivos da dominação humana e crescimento ilimitado para aqueles da adaptabilidade humana e sobrevivência a longo prazo [...] e isso envolve aceitação da impermanência e da imperfeição, uma paciência com a incerteza e o imprevisto, uma amizade com a água, a escuridão e a terra. (LE GUIN, 2017: 61)

Le Guin (2017) escreveu em termos de palpite. Gostaria de relê-lo como um apelo, um clamor para uma teorização de currículo muito diferente dos termos do projeto de formação de sujeitos ou de reconhecimento e produção de identidades.

Recebido em 30 de abril de 2022.

Aprovado em 25 de julho de 2022.

Referências

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. São Paulo: Artes Médicas, 1991.

BABAU, Cacique. Retomada. *Piseagrama*, 13: 98-105, 2019.

BARAD, Karen. Performatividade queer da natureza. *Revista Brasileira de Estudos de Homocultura*, 3 (11): 300-346, 2020

- BATESON, Gregory; JACKSON, Don; HALEY, Jay; WEAKLAND, John. Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1 (1): 251–264, 1956.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico*. Petropolis: Vozes, 1996.
- BORGES, Fabianne; BENSUSAN, Hilan. *Queer: a política sexual do noise*. *Le Monde Diplomatique*, 24 de julho de 2008.
- BOURCIER, Sam. *Queer zones*. São Paulo: Crocodilo, 2022.
- BOURCIER, Sam. *Homo incorporated: o triângulo rosa e o unicórnio que peida*. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio*. São Paulo: EdUNESP, 2021.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- BUTLER, Octavia. *Filhos de Sangue e outras histórias*. São Paulo: Morro Branco, 2020.
- CHAKRABARTY, Dispesh. “The Anthropocene and the convergence of histories”. In: HAMILTON, Clive; BONNEUIL, Christophe; GEMENNE, François. (Orgs.). *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. Nova York: Routledge, 2015. pp. 44-56.
- CHAKRABARTY, Dispesh. *Provincializing Europe*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- COLEBROOK, Claire. *Sex after life*. Ann Arbor: Open Humanities Press, 2014.
- COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings*. Durham: Duke University Press, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se...*Cadernos de Leitura*, 45: s/p, 2016.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- ENG, David; HALBERSTAM, Judith; MUÑOZ, José. What’s *queer* about *queer* studies now. *Social Text*, 84-85 (1): 1-17, 2005.
- EDELMAN, Leo. *No Future*. Durham: Duke University Press, 2004.
- FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- FRECCERO, Carla. “*Queer Spectrality: Haunting the Past*”. In: HAGGERTY, George; McGARRY, Molly. (Eds.). *A Companion to Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Studies*. Malden: Blackwell Publishing, 2008. pp. 194-213.
- FREEMAN, Elizabeth. *Time Binds*. Durham: Duke University Press, 2010.

- FOUCAULT, Michel. O saber gay. *Revista Ecopolítica*, 11 (3): 2-27, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- FOUCAULT, Michel. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. (orgs.). *Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 253-278.
- GAMSON, Joshua. Must Identity Movements Self-Destruct? A Queer Dilemma. *Social Problems*, 42 (3): 390-407, 1995.
- GRIFFIN, Donal. *Listening in the dark*. New Haven: Yale University Press, 1958
- GRIFFIN, Donald; BUSNEL, René-Guy; FISH, James. *Animal sonar systems*. New York: Plenum, 1980.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5: 7-41, 2009.
- HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom*, 266 (69): 250-226, 2019.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, 23 (3): 12–33, 2020.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of horror*. Nova York: Princeton University Press, 1982.
- LATOURE, Bruno. *Sobre o culto moderno dos deuses "fatiches"*. São Paulo: Edunesp, 2021.
- LEAL, Abigail Campos. *Ex/orbitâncias*. São Paulo: GLAC Edições, 2021.
- LE GUIN, Ursula. *No Time to Spare*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- LE GUIN, Ursula. *The Ones Who Walk Away From Omelas*. Nova York: Creative Education, 2018.
- LIBRANDI, Marília. *Escrever de ouvido*. São Paulo: Relicário, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira. “Viajantes pós-modernos II”. In: MOITA LOPES, Luis; BASTOS, Liliana (orgs.). *Para além da Identidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. pp. 203-213.
- LUCIANO, Dana. “Nostalgia for an Age Yet to Come: Velvet Goldmine’s *Queer Archive*”. In: McCALLUM, E. L.; TUHKANEN, Mikko (eds.). *Queer Times, Queer Becomings*. Nova York: Suny Press, 2011. pp. 121-158.
- LUC-NANCY, Jean. À escuta. *Outra travessia*, 15: 159-172, 2008.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 11 (32): 285-6, 2006.
- MIKDASHI, Maya; PUAR, Jasbir. Queer theory and permanent war. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 22 (2): 215-22, 2016.

- MILLER, Janet. Teorização do Currículo como antídoto contra a cultura da tes-
tagem. *e-curriculum*, 12 (3): 2043-63, 2014.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da
normalização. *Sociologias*, 11 (21): 150-182, 2009.
- MOMBAÇA, Jota. Pode um cú mestiço falar? *Medium*, 2015.
- MORGENSEN, Scott. *Spaces between Us*. Minneapolis: University of Minnesota Press,
2011.
- MORTIMER-SANDILANDS, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma
ecologia queer. *Estudos Feministas*, 19 (1): 175-195, 2011.
- MORTON, Tim. *Ecology Without Nature*. Cambridge: Harvard University Press,
2007.
- MUÑOZ, José E. Feeling Brown, Feeling Down: Latina Affect, the Performativity
of Race, and the Depressive Position. *Signs*, 31 (3): 675-688, 2006.
- MUÑOZ, José E. *Cruising Utopia*. Nova York: New York University Press, 2019.
- MUÑOZ, José E. *The Sente of Brown*. Durham: Duke University Press, 2020.
- PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. *Contemporânea*, 2: 371-394, 2012.
- PINAR, William. *Estudos curriculares: ensaios selecionados*. São Paulo: Cortez,
2016.
- PELÚCIO, Larissa. “História do Cu do Mundo: o que há de *queer* nas bordas?”.
In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista hoje – sexuali-
dades no Sul Global*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020. pp. 287-301.
- PERRA, Hija de. Interpretações imundas de como a Teoria *Queer* coloniza nosso
contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com no-
vas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Revista
Periódicus*, 1 (2): 291-298, 2014.
- PRECIADO, Paul. *Testo Junkie*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- PUAR, Jasbir. *Terrorist Assemblages*. Durham: Duke University Press, 2007.
- RANNIERY, Thiago. “Dos lugares de enunciação ao trabalho de transfiguração”.
In: MIZOGUCHI, Danichi; BARROS, Maria Elizabeth (orgs.). *Políticas de escrita
em pesquisas nas ciências humanas*. Niterói: Eduff, 2021. pp.173-198.
- RANNIERY, Thiago. Educação após a intrusão de Gaia: o que o queer tem a ver
com isso? *e-Curriculum*, 17 (4): 1436-1457, 2019.
- RANNIERY, Thiago. No balanço da teoria queer em educação: silêncios, tensões
e desafios. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 25: 19-49, 2017.
- RANNIERY, Thiago. Currículo, normatividade e políticas de reconhecimento a
partir trajetórias escolares de “meninos gays”. *Arquivos Analíticos de Políticas
Educativas*, 25 (51): 1-29, 2017.
- RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual. *Cadernos Pagu*, 21: 157-209,
2003.
- SÁEZ, Javier. *Teoría Queer y psicoanálisis*. Madrid: Síntesis, 2004.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Touching Feeling*. Durham: Duke University Press,
2003.

- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Tendencies*. Durham: Duke University Press, 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. *Cadernos de Leitura*, 62: 2-15, 2017.
- WARREN, Calvin. Onticide: Afro-pessimism, Gay Nigger #1, and Surplus Violence. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 23 (3): 391-418, 2017.
- WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- ZOURABICHVILI, François. “Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política)”. In: ALLIEZ, Éric. (Org.). *Gilles Deleuze, uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000. pp. 333-356.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

*A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste
recebe o ano inteiro, em*

**FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).**

*Interessados na submissão de trabalhos e
também em atuar como*

pareceristas

podem realizar seus cadastros em

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso